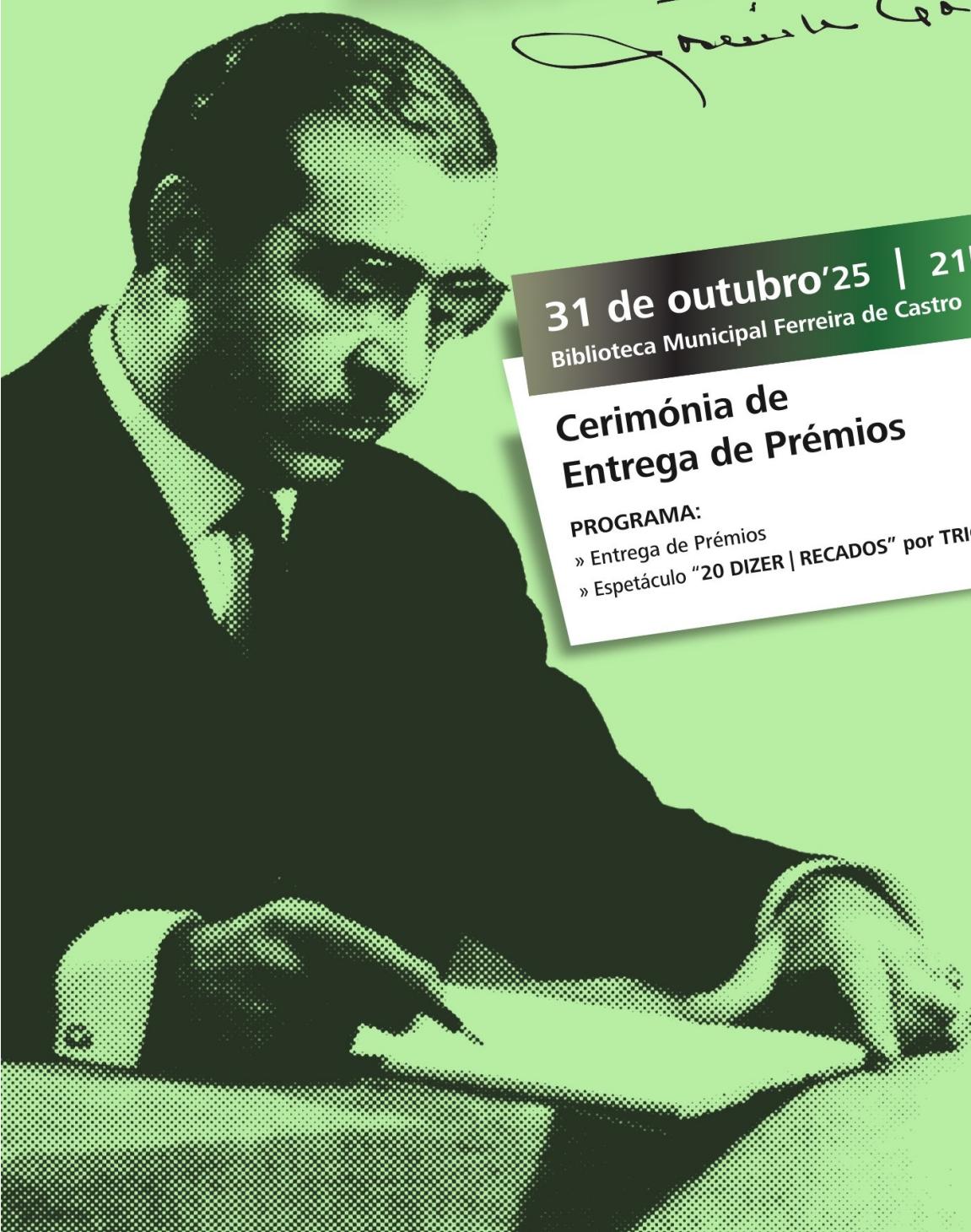


XXVI concurso de poesia **AGOSTINHO GOMES**



Agostinho Gomes

31 de outubro'25 | 21h30

Biblioteca Municipal Ferreira de Castro

Cerimónia de Entrega de Prémios

PROGRAMA:

- » Entrega de Prémios
- » Espetáculo "20 DIZER | RECADOS" por TRIGO LIMPO TEATRO ACERT

2.º LUGAR

Nome:

**Isaque Eduardo
Nunes Pereira
Lindo Mateus**

Pseudónimo:

**Edmundo
Lisboa**

Cartografia do Invisível

No início, era uma linha desenhada no escuro.

Não se sabia se era fronteira,

se era ferida,

ou se apenas tremor da mão do tempo.

Chamei-lhe mapa.

Não porque mostrasse o caminho,

mas porque o escondia melhor do que a ausência.

Na dobra da folha, um nome:

o teu —

em letras que se apagam

quando tento dizê-las.

Nada há mais perto do silêncio

do que uma palavra mal lembrada.

E no entanto, é nela que moro:

essa casa sem telhado,

onde os pássaros entram por engano

e não querem sair.

Se me perguntarem o que é poesia,

mostro este vazio:

não por falta,

mas por excesso de mundo.

1.º LUGAR

Nome:

**Paulo Jorge
Coelho Carreira**

Pseudónimo:

Garibaldi

Batalha

As mãos da minha mãe

As mãos de minha mãe

às vezes eram trémulas asas sobre a mesa

repartindo o pão de alvo trigo levedado a lágrimas.

A mão esquerda e a mão direita dividiam entre si a solidão e o sonho.

Nem ela sabia de que modo equilibrava a ternura entre os braços.

Tudo o que sei é que as suas mãos dadas cantavam.

Estendidas conversavam com os dias que estavam para vir.

Seguravam o silêncio como habilíssimas tecelãs de esperas.

Os seus dedos eram rizomas de orquídea adormecidos

onde todos os pássaros sem ninho pousavam sem medo.

Assentes sobre o nosso rosto media-nos a febre e dizia-nos:

acreditem nas minhas mãos.

A minha mãe não dizia poemas

mas as suas mãos eram grandes como folhas de figueira:

deram-nos sombra, adormeceram todos os filhos.

PRÉMIO REVELAÇÃO JUVENIL

3.º LUGAR

Nome:

**João Victor
Nepomuceno de
Oliveira**

Pseudónimo:

Ema Lencastre

Minas Gerais -
Brasil

Azulejo Partido

Na parede da cozinha onde o sol batia às dez,
há um azulejo partido,
por onde escapa uma tênue fenda de luz,
fóssil de uma manhã que nunca regressa.

Ali, minha vó —
com as mãos brancas de farinha, e alvura da idade —
moldava a massa em forma de pada,
e a côdea, em brasa forte, se erguia como altar.
O cheiro invadia a casa inteira,
atravessava a janela
e pousava na varanda, leve como um pássaro no beiral.

No jardim, debaixo dos ramos curvados feito preces,
ouvia-a dizer que os santos moravam nas sombras.
E eu acreditava,
porque a fé dela era uma gaveta que nunca rangia.

Os sinos de vento,
vitrificados em grisaille de catedrais,
reverberavam a música dos anos
— e agora não dizem nada.

Toda memória tem um ponto onde se estilhaça.
Às vezes, é uma gargalhada que não volta.
Outras vezes, é só um azulejo
que racha devagar:
com o tempo quieto a ceder por dentro,
sem ninguém ouvir.

A casa ficou.
O cheiro se foi.
Minha vó virou uma ausência que acende o lume
toda vez que o pão aquece
e a saudade
assobia na chaleira.

E o azulejo partido,
que ninguém substitui,
é o que mais me lembra dela.

Nome:

**Maria Luiza Salomão
Smozono**

Pseudónimo:

Tomico

São Paulo - Brasil

Anônimos

Há nomes que o vento leva
antes de alguém aprender a dizê-los.
Pés que caminham sem deixar pegada,
vozes que o dia engole sem mastigar.

No vão entre o agora e o ninguém,
vivem gestos pequenos como orvalho —
tão leves que o mundo os ignora,
Tão discretas que o mundo esquece
de chamá-las pelo nome
mas tão firmes que sustentam o dia.

Existem olhos que não foram olhados,
sorrisos que secaram no escuro,
corpos que dormem sem cama,
almas que gritam atrás do muro.

Não estão nos livros, nas fotos,
nem nos grandes discursos de amor.
Mas acendem lampiões invisíveis
quando o silêncio se faz rumor.

São vidas que espreitam as frestas,
que habitam o que não se nota.
E às vezes, num lapso do tempo,
o mundo respira por elas — e não percebe.

Mas nelas mora um lume antigo,
um fogo que resiste ao esquecimento.
Nos olhos cansados, ainda há alvoradas
que ninguém aprendeu a enxergar.

Cada gesto, semente no asfalto.
Cada silêncio, um grito sem eco.
Mas elas andam — e sonham,
como quem tece futuro com os dedos.

Um dia, o mundo vai parar.
Vai ouvir um riso vindo de longe,
vai notar a flor que nasceu na beirada
e vai entender:
elas sempre estiveram ali.
E sempre brilharam.
Mesmo no escuro.

MENÇÃO HONROSA

Nome:

**Carla Marisa
Pereira Vieira Pais**

Pseudónimo:

Alice
França

Gaza

Não ouvimos as sirenes naquela noite, mãe,
aqui em casa ninguém disse uma palavra sobre o assunto
nem eu, nem tu, nem o meu irmão, nem a minha irmã
tão pequena a minha irmã, Hamza,

talvez para não acordar o medo que foi arranjando cama
nos nossos ouvidos de crianças.

Tenho a certeza de que o pai teria dito alguma coisa,
como dizia sempre, aliás, antes de nos amaciá num abraço.

Só que o pai não estava em casa e não sei se voltará
a estar, sentado no chão do quarto de olhos fechados
a rezar para que a poeira das pedras não nos sujasse a inocência,

a minha, a do meu irmão, a da minha irmã,
tão pequena a minha irmã, Hamza
naquela noite em que não ouvimos as sirenes, mãe,
a minha irmã era ainda um bebé de trazer ao peito.

Deitámo-nos como os pássaros se deitam nos ninhos,
em silêncio. Não sei se dormi porque a noite se fez clara de repente
bruma límpida quando ouvi o teu nome pousado onde o medo
arranjou cama. Apenas o teu nome desfeito a ressoar para longe

das pernas, dos braços e do sangue
que a bomba engoliu.

Espetáculo “20 DIZER | RECADO”

TRIGO LIMPO TEATRO ACERT



José Rui Martins e Luísa Vieira partilham o palco num exercício de comunicação, explorando a musicalidade da palavra e a simplicidade de dar voz a seduções emotivas.

A leitura poética voando em múltiplas geografias com sonoridades que a embalam e impacientam.

A interpretação poético-teatral a renovar-se na inspiração da palavra dita e musicada.

A palavra migrando em sonhos, paixões, sobressaltos e inquietações.

Insubmissa e irreverente.

A música em incessantes movimentos, afagando sentidos por onde a palavra devaneia.

www.bm-ferreiradecastro.com



Biblioteca Municipal
Ferreira de Castro